ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

Gabriel Menezes Ferreira

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: USO DE ARMAS COMBINADAS NA DOUTRINA DA BLITZKRIEG

Resende
2020

Gabriel Menezes Ferreira

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: USO DE ARMAS COMBINADAS NA DOUTRINA DA BLITZKRIEG

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Cel R1 Alexandre Neves Lemos Esteves

Resende
2020

Gabriel Menezes Ferreira

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: USO DE ARMAS COMBINADAS NA DOUTRINA DA BLITZKRIEG

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em _____ de _____ de 2020:

Banca examinadora:

_____

Alexandre Neves Esteves- Cel R1
(Presidente/Orientador)

_____

Alexsander Soares Elias - Maj

_____

Diogo Giammantey Viriato – 1º Ten

Resende
2020

"*Está na moda falar sobre táticas de Cavalaria,*
táticas de Artilharia e táticas de Infantaria.
Essa distinção não passa de mera abstração.
Só há uma tática, e ela é a da combinação das Armas."
(*Major General Gilbert, Exército britânico, 1907*)

Dedico este trabalho a todos os meus mestres que ao longo da minha vida me ajudaram a adiquirir o conhecimento necessário para alcançar meus objetivos. Também dedico a minha família que me apoiou em todos os momentos da minha formação dentro da AMAN.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu chegar onde muitas vezes perecia ser impossível e que a cada dia renova minhas forças para lutar.

À minha mãe, Marion, que sempre acreditou em mim e que esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Aos meus avós, Eliseu e Ailda, meus mestres, meus mentores, meus exemplos e que me apoiaram ao longo dessa jornada.

Aos meus irmãos de farda com os quais passei e superei desafios ao longo da vida na Academeia.

À uma pessoa em particular que me acompanhou e me apoiou durante minha formação e que foi especial em minha vida.

A todos que de alguma forma contribuiram para o meu sucesso.

RESUMO

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: USO DE ARMAS COMBINADAS NA DOUTRINA DA BLITZKRIEG

AUTOR: Gabriel Menezes Ferreira
ORIENTADOR: Alexandre Neves Lemos Esteves

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Alemão adotou uma nova doutrina de combate que revolucionou a guerra moderna de forma nunca antes vista, a Blitzkrieg. Essa doutrina estava centrada no significado literal de seu nome a "Guerra Relâmpago", ou seja, uma guerra baseada na velocidade, na surpresa e no poder de choque. Sua eficiência, principalmente durante a invasão da França em 1940, mostrou a maneira ideal de conduzir o combate com o uso coordenado de diferentes armas. Entre elas podemos citar os blindados, a infantaria mecanizada, a artilharia e a aviação de combate. O objetivo desse trabalho foi expor como e por que surgiu essa doutrina, quais foram seus idealizadores, como ela foi empregada durante Segunda Guerra Mundial e como ela influenciou o emprego combinado das armas no combate moderno. Ao observar o surgimento de novas tecnologias ainda na Primeira Guerra Mundial como o carro de combate e o avião além de novas técnicas de emprego tanto da artilharia como da infantaria, como o uso do tiro indireto e de tropas especializadas, os "sturmmtrupper", que buscavam coordenar seus ataques em pontos estratégicos inimigos com o apoio de fogo, notou-se que a forma de combater necessitava se adaptar a essa nova realidade da guerra. Nesse contexto de novas técnicas e tecnologias, pensadores militares como Liddel Hart, J.F.C Fuller e Charlles De Gaulle trariam novas ideias quanto a utilizar diferentes armas, em especial o emprego de blindados. Esses, porém não receberam a atenção devida em seus países, que ainda se prendiam a tecnicas de combate da Primeira Guerra Mundial. Já na Alemanha, essas ideias teriam uma maior atenção. Um que as considerou foi o general alemão Heinz Guderian, que buscava o uso ideal dessas novas armas, ou seja, explorando seu potencial máximo e criando uma coordenação entre elas. A eficiência de suas técnicas foram expostas em seu livro publicado em 1952 "Achtung Panzer" (Atenção Blindado), no qual se observa a necessidade da combinação das armas e a importância da velocidade no ataque. Através dessa pesquisa, foi possível observar a origem da coordenação das forças na linha de frente e do conceito de "Shock and Awe", choque e pavor, que buscar utilizar toda a força disponível numa guerra veloz de modo que não permita ao inimigo se organizar ou se defender adequadamente. Os princípios da

Blitzkrieg como combinação de armas, velocidade numa incursão e coordenação serveriam de ensinamento de como realizar uma ação ofenciva conjunta. Esses seriam estudados e adotados por exércitos como o americano e seus aliados europeus além do Exército Soviético e seus países satélites no período da Guerra Fria.

Palavas-chaves: Segunda Guerra Mundial. Blitzkrieg. Blindados. Armas Combinadas. Heinz Guderian

ABSTRACT

SECOND WORLD WAR: USE OF COMBINED ARMS ON THE BLITZKRIEG DOCTRINE

AUTHOR: Gabriel Menezes Ferreira
ADVISOR: Alexandre Neves Lemos Esteves

During the Second World War, the german army adopted a new combat doctrine that revolutionized the modern warfare in a way never seen before, the Blitzkrieg. This doctrine was centered on the literally meaning of its name the “Lightning War”, that is, a war based on speed, surprise and shocking power. Your efficiency specially during the invasion of France in 1940, had showed the ideal way of conducting the combat with the coordenated use of different arms. Between them we can say the armors, the mechanized infrantry, the artillery and the combat aircrafts. The objective of this work was to expose how and why this doctrine came to be, who was its founders, how it was used during the Second World War e how it had influenced the use of combined arms on the modern combat. Looking at the rise of new tecnologies back on the First World War like the tank and the aircraft and also new techniques to use both artillery and infantry, like using indirect fire and special troops, the “sturmmtrupper”, that tried to coordenat their attacks on strategic enemy ponts with fire support, it was seen that the way to fight needed to adapt to this new reality of the warfare. On this context of new techniques and tecnologies, military thinkers like Liddel Hart, J.F.C Fuller e Charlles De Gaulle would bring new ideas about how to use diferent arms, in special the use of armors. Those ones however would not receive the right attention on their countries, that were still held to combat techniques from the First World War. On Germany however, those ideas would have a bigger attention. One that considered them was the german general Heinz Guderian, who seeked the ideal use of these new weapons, that means exploring their maximum potential and creating a coordenation between them. The effectiveness of his techniques were exposed in his book published in 1952 “Achtung Panzer” (Attention Armor), in which is seen the necessity of combining arms e the importance of the speed on the attack. Through this research, it was possible to observe the origin of the forces coordanation on the front line and the concept of Shock and Awe, which seeks to use all the avalible power in a fast war in a way that doesn’t alow the enemy to organise or defende itself appropriated. The Blitzkrieg princibles like combination of arms, speed on a raid and

coordenation served as teaching for how to make a joint offencive action. These would be studied and adopted by armies like the U.S and its european allies as well as the Soviet Army and its satellite states during the Cold War.

Key worlds: Second World War. Blitzkrieg. Armor. Combined Arms. Heinz Guderian

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema de trincheiras na Primeira Guerra Mundial……18

Figura 2 – Blindado britâncio Mk IV……19

Figura 3 – General Heinz Guderian……..20

Figura 4 – Especificações do Ju-87 Stuka…….23

Figura 5 – Especificações do Panzer II…….24

Figura 6 – Adolf Hitler saudando apoiadores do partido nazista……..27

Figura 7 – Carros de combate (Panzer) atravessando a floresta das Ardenas……...31

Figura 8 – Formação de Junkers Ju-87 Stuka……...34

Figura 9 – Charles De Gaulles passando em revista as tropas…….….37

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Avanço alemão pelos Países Baixos em maio de 1940…….32

Mapa 2 – Avanço alemão pela Bélgica e pelo norte da França em maio de 1940……33

Mapa 3 – Avanço alemão pelo território frances em junho de 1940…….35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1ª GM- Primeira Guerra Mundial

2ª GM- Segunda Guerra Mundial

CC- Carro de combate

VBTP- Viatura blindada de transporte de pessoal

EUA- Estados Unidos da America

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....15

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO……..15

2.1 CONCEITO DE ARMAS COMBINADAS……...15

2.2 TIPO DE PESQUISA……...16

2.3 MÉTODOS DA PESQUISA……...16

2.3.1 Fontes de consulta……16

2.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA……16

3 A ORIGEM E O EMPREGO DESSA DOUTRINA……17

3.1 EFEITOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL……..17

3.2 OS AVANÇOS NO PERIODO ENTREGUERRA…….20

3.3 A WEHRMACHT……...22

3.3.1 Equipamentos e armamentos alemães……..22

3.3.2 Preparo para a Guerra……..25

3.3.3 Forças Morais……26

3.3.4 Instrução……27

3.3.5 Organização das tropas……28

3.3.6 Emprego……..29

3.4 A BLITZKRIEG NA INVASÃO DA FRANÇA…….29

3.4.1Avanço pelos Países Baixos……31

3.4.2 A Batalha de Sedan……32

3.4.3 O Papel da Luftwaffe……33

3.4.4 A Queda da França e dos Países Baixos……...34

4 ENSINAMENTOS TIRADOS……36

5 CONCLUSÃO……37

6 REFERÊNCIAS……..39

1 INTRODUÇÃO

Blitzkrieg, literalmente traduzida como “Guerra Relâmpago” faz alusão a doutrina adotada pela Wehrmacht (Forças Armadas Alemães) durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo o sexto volume da Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial de 2009, “Guderian pode ser considerado o pai da doutrina da *blitzkrieg* e o primeiro a adotá-la, com consequências devastadoras para os Exércitos aliados” (COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial, 2009, pg 44). Isso significa dizer que Heinz Guderian seria visto como aquele que empregou corretamente essa doutrina.

De fato a maneira que o General Guderian viria a utilizar essa nova doutrina afetaria a guerra pelos próximos anos tendo em vista a invasão da França e a consequente retirada das forças britânicas na Europa continental.

O termo viria a surgir pela primeira vez no ano de 1935, numa publicação militar alemã, sendo que poucas vezes foi utilizada antes da 2ª GM e nunca entrou oficialmente na terminologia da Wehrmacht (Forças Armadas alemãs). A sua popularização se deve a um artigo publicado na revista eorte americana Time em 25 de setembro de 1939, descrevendo a invasão da Polônia e afirmando “Essa não era uma guerra de ocupação, mas uma guerra de rápida penetração e eliminação.” (SMITH, 2005, p. 169).

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 CONCEITO DE ARMAS COMBINADAS

Inicialmente é necessário compreender o conceito de combinação de armas para que se possa entender como este se liga à Blitzkrieg. Segundo Jonathan M. House (2008) o conceito de combinação das Armas é a ideia básica de que diferentes armas combatentes e sistemas de armas devem ser usados em conjunto para maximizar a sobrevivência e a eficácia em combate umas das outra. Isso significa dizer que uma arma deve complementar as outras em combate a fim de explorar o máximo delas.

Toda arma tem suas funções específicas no campo de batalha, assim como seus pontos fortes e suas fraquezas. Individualmente elas terão limitações, logo devem ser usadas de modo a uma complementar a outra. House vem a explorar esse assunto evidenciando sua influência nos exércitos modernos ao longo do tempo.

> “As forças de um sistema devem ser usadas para compensar as fraquezas de outro. As combinações das Armas e os armamentos específicos incluindo nesse conceito têm variado enormemente entre os exércitos nacionais e através do tempo.

> Atualmente, no entanto, a lista de combinação das Armas pode incluir Infantaria (mecanizada, motorizada, aerotransportada, pára-quedista, leve e unidades de operações especiais), blindados, reconhecimento (também chamada de cavalaria), Artilharia, armas anticarro, defesa aérea ou forças antiaéreas, engenheiros de combate (também chamados de sapadores), helicópteros de ataque e aeronaves de ataque ao solo." (HOUSE, 2008, pg 21).

2.2 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em torno do assunto utilizando fontes de consulta confiáveis que se relacionam ao assunto abordado. Os assuntos da pesquisa foram analisados e expostos nessa pesquisa de maneira compreensível. Essa visa discutir a combinação de diferentes meios de combate de maneira coordenada e eficiente.

2.3 MÉTODOS DA PESQUISA

2.3.1 Fontes de consulta

Foram utilizadas fontes tiradas principalmente da Biblioteca do Exército além de fontes disponíveis em mídia digital que tratem do assunto e sejam legítimas. Foi analizado antes as informações passadas pelas fontes para evitar qualquer tipo de conteudo que pudesse vir a estar incorreto ou desatualizado. Buscaram-se também fontes que estivessem ligadas ao General Heinz Guderian tendo em vista sua importância para o assunto.

2.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa histórica não foi possível realizar pesquisas de campo em torno do assunto, se limitando a pesquisas bibliográficas. Também não houve a disponibilidade a manuais que teriam sido utilizados pela Wehrmacht na época em questão. Sendo assim, todas as fontes utilizadas aqui têm sua origem após a 2ª GM e são de autores nacionais ou traduzidas de outros idiomas.

O fato da palavra "Blitzkrieg" não ser também original das Forças Armadas Alemães e ter surgido em um outro país como uma forma de propaganda também dificultaria qualquer pesquisa mais a fundo em documentos alemães da época.

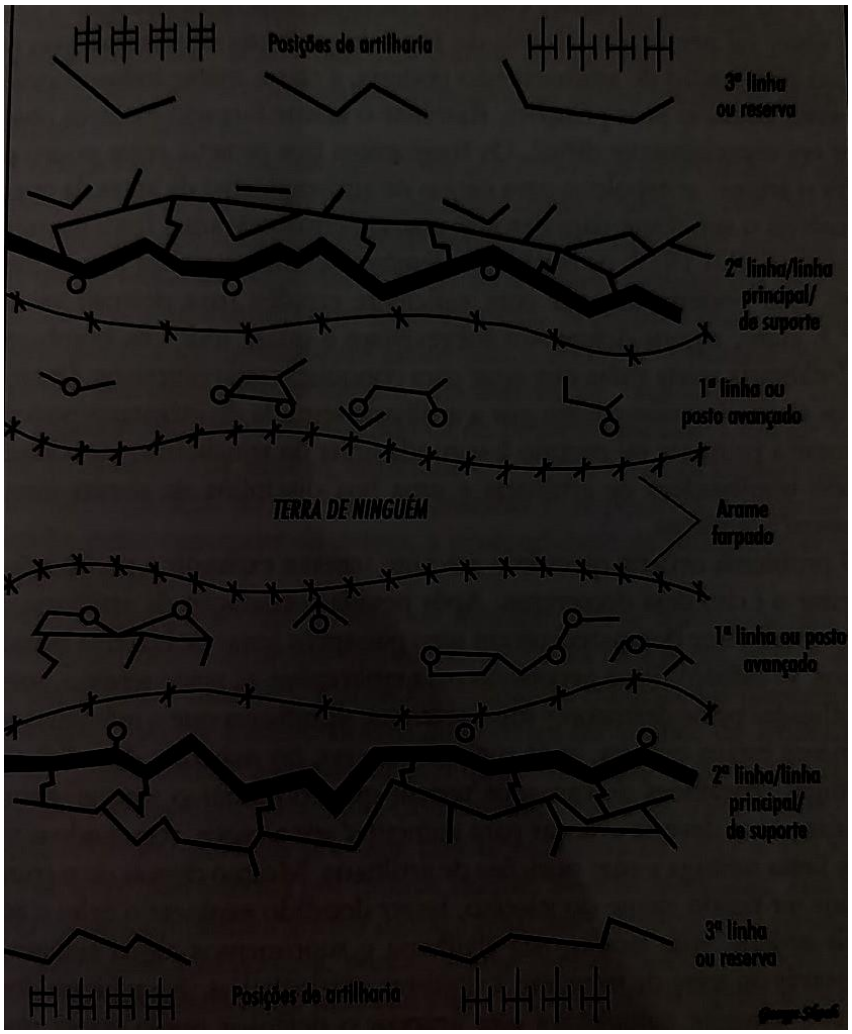
É importante saber que se trata de um assunto que se passou a oitenta anos antes dessa pesquisa ser concluida. Logo o número de fontes de consulta fica mais limitado do que assuntos mais atuais.

3 A ORIGEM E O EMPREGO DESSA DOUTRINA

3.1 EFEITOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Segundo o que Guderian explora em seu livro, durante a 1ª GM, a movimentação das tropas na Frente Ocidental, ou seja, no território francês, se cessou em meados de novembro de 1914. As tropas começaram a construir trincheiras em uma faixa que se estendeu do setor de Vosges até a costa do Canal Inglês. Armamentos como as metralhadoras e a artilharia eram capazes de deter o avanço de massas de soldados (GUDERIAN, 2009). As trincheiras criavam um impasse para ambos os lados. Os soldados para se protegerem de fogo inimigo permaneciam entocados, o que os proporcionava uma posição defensiva eficaz. Todavia, para tomar uma trincheira inimiga tornava-se igualmente difícil. As tropas necessitavam sair de suas trincheiras, atravessar a região entre as trincheiras inimigas, conhecida como “Terra de Ninguém”, expor-se ao fogo inimigo e atacar o inimigo numa área confinada da própria trincheira. Isso acabava por gerar grandes baixas a quem lançava o ataque ao custo de pouco território ganho.

Figura 1: Sistema de trincheiras na Primeira Guerra Mundial. Esses sistema proporsionava boas posições defencivas para as tropas, mas estagnavam sua movimentação

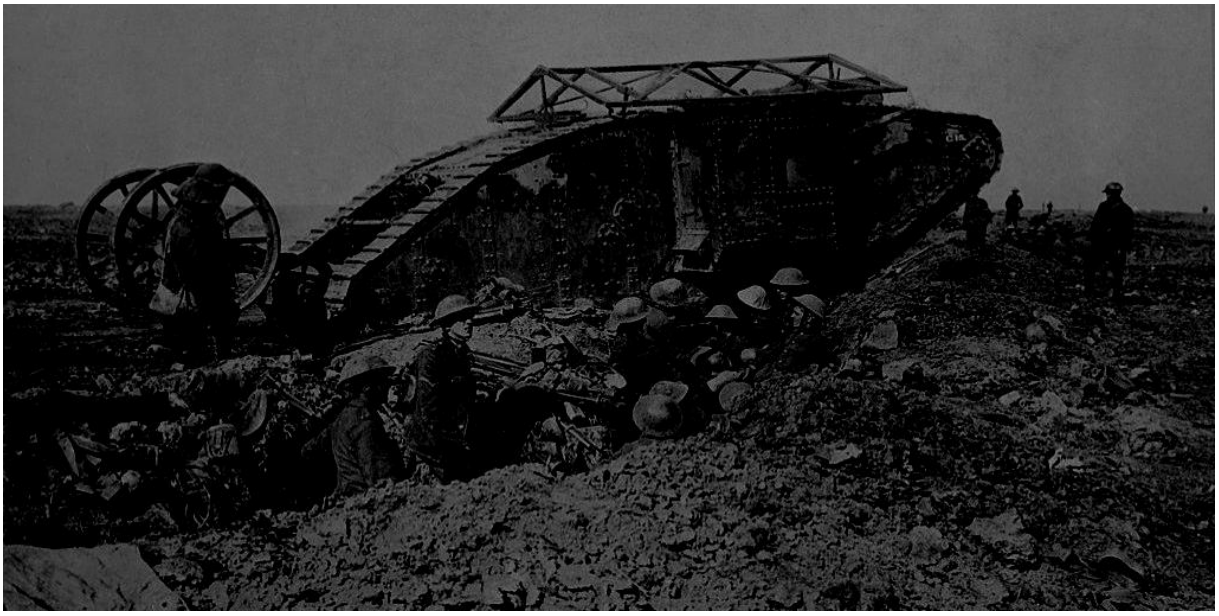


Fonte: HOUSE, 2008

Para tentar superar esse impasse, algumas medidas foram tomadas. Uma dessas por parte dos britânicos e franceses foi a cooperação entre a Infantaria e a Artilharia, na qual consistia no uso esmagador da artilharia antes de um ataque de Infantaria às posições inimigas. Todavia, essa cooperação se mostrou difícil pela distância física entre as duas armas, dificultando a coordenação, e pela inexperiência da Artilharia no uso do tiro indireto. A Infantaria se mostrou incapaz de acompanhar o avanço das barragens da Artilharia e o comando, controle e comunicações não se mostravam adequados (HOUSE, 2008).

Tendo em vista a necessidade de penetração no dispositivo inimigo, novas tecnologias surgiram. Entre elas estavam os primeiros blindados e os aviões de combate. Todavia a falta de experiência com esses novos materiais dificultaram o uso adequado destes de maneira conjunta (HOUSE, 2008).

Figura 2: Blindado britâncio Mk IV. Esses blindados viriam a ser utilizados durante a 1ªGM pelos britânicos para apoiar o avanço da infantaria. Porém, sua forma de emprego ainda não era a ideal.



Fonte: GUDERIAN, 2009

Ao avaliar as ações em que foram empregados principalmente os primeiros carros de combate na 1ªGM, Guderian chegou as seguintes conclusões:

> "a) Carros de combate têm pouca utilidade quando fracionados e devem ser agrupados;
> b) Não devem ser desperdiçados em terreno inadequado como acomteceu aos britânicos nos pântanos de Ypres, mas preservados para serem empregados onde possam transitar;
> c) Melhores resultados podem ser obtidos quando carros de combate empregados em massa podem tirar proveito da surpresa." (Guderian, 2009, pg 19)

Dessa forma, entende-se que Guderian percebeu o potencial dos blindados durante a guerra além da forma ineficaz que foram utilizados até então. Convém observar que Guderian cita que os carros de combate têm pouca utilidade se empregados de maneira fracionada e deveriam ser utilizados em massa e utilizando-se do elemento surpresa. Logo, para isso seriam necessários a utilização de outros meios junto as forças blindadas como infantaria mecanizada, artilharia além do vetor aéreo.

Para isso também seriam necessárias comunicações eficientes entre cada um dos meios no ataque. As comunicações durante 1ª GM ainda se mostravam limitadas, o que dificultava muito a coordenação num ataque. Na época, estas ainda estavam restritas ao uso dos fios e de mensageiros, o que impossibilitava uma comunicação eficiente entre tropas no solo e

aeronaves de reconhecimento voando, por exemplo. Com o advento do rádio, este passou a transmitir mensagens sem a necessidade de fios, a distâncias muito maiores e ficaram mais portáteis. Dessa forma, na 2ª GM era cabível a infantaria se comunicar com blindados enquanto avançavam pelo terreno, mesmo fora do seu campo visual. Também era possível solicitar um apoio aéreo para atacar alvos no solo, caso fosse necessário. A evolução do rádio foi essencial para o uso das armas combinadas. E isso seria fundamental para os Grupos Panzer numa operação de ataque.

Figura 3: General Heinz Guderian. Comandante do 19° Corpo Panzer e um dos principais nomes ligados a Blitzkrieg.

Fonte: GUDERIAN, 2009

3.2 OS AVANÇOS NO PERIODO ENTREGUERRA

Após a 1ª GM, ficou evidente que as novas armas que surgiram durante o conflito tinham potencial para mudar as doutrinas que eram utilizadas até então. Tanto os ingleses como os franceses iniciaram programas para modernizar suas forças, o que envolvia mecanizar seus exércitos e iniciarem exercícios conjuntos (GUDERIAN, 2009). A Alemanha mesmo com as restrições do Tratado de Versalhes buscou introduzir novas tecnologias como blindados e aviões em suas forças armadas, mesmo que de forma lenta e limitada. Essa introdução gradual se mostrou positivos e resultou no rearmamento gradual da Alemanha, além do surgimento de apoiadores das novas doutrinas de armas combinadas. (GUDERIAN, 2009).

Nesse contexto, Heinz Guderian influenciado pelas ideias de Liddel Hart e Charles De Gaulle a respeito da guerra móvel blindada, propôs a seus superiores a criação de unidades blindadas maiores que de um regimento, apesar disso ter sido rejeitado inicialmente (RIOS, 2016). Os alemães, assim como os franceses e britânicos se prendiam até então às doutrinas já existentes no que se tratava a respeito do uso de blindados no combate. Essas pregavam o uso de blindados apenas como um apoio a infantaria no seu avanço. Isso acabava limitando principalmente a velocidade de ação dos carros de combate. Somente após a chegada de Hitler ao poder da Alemanha em 1933 e por influência do general Oswald Lutz, Heinz Guderian conseguiria implementar o conceito de divisão Panzer, sendo a primeira criada no ano de 1935, com mais duas subsequentes (RIOS, 2016). Durante a década de 1930, os blindados eram vistos pelos britânicos, franceses, americanos e soviéticos como meros apoios a infantaria, sendo esta a peça central na frente de combate (RIOS, 2016). Essas eram técnicas que ainda se prendiam as da 1ª GM, onde blindados como o Mk IV, o FT-17 e o A7V, por suas limitações principalmente na questão da mobilidade e do combate em trincheiras, tinham seu papel limitado ao apoio do avanço a pé. Guderian viria a mudar essa doutrina, implementando a ideia de que a infantaria que daria apoio aos blindados. Esses eram vistos como a peça principal do ataque, com todas as outras armas se mobliliando para os apoiar (RIOS, 2016).

Outro fator que ganhava força era o do poder aéreo. Todavia, segundo House, o uso do poder aéreo em conjunto com forças terrestres gerava um receio na época “O período entre as duas guerras mundiais testemunhou um declínio da cooperação ar-terra na maioria das nações do mundo.”(House, 2008, pg 87). Esse receio podia ser explicado pelo risco que existia no apoio aéreo no campo de batalha frente a sua real eficiência. “Com igual importância, no entanto, estava a crença amplamente difundida de que o poder aéreo aproximado era uma ineficiente e perigosa forma de se usar o poder aéreo.”(House, 2008, pg 87)

Isso significa que as aeronaves de combate possuiam um grande potencial na guerra. Logo os aviadores da época viam o apoio aéreo aproximado como um desperdício de um meio valioso que poderia ser utilizado de forma mais estratégica. Essa forma seria utilizar as aeronaves para atingir pontos de maior importância para o inimigo como centros industriais e bases logísticas ao invés de dar apoio a tropas em terra. Essa ideia era afirmada por teóricos como Willian Mitchell, Guillio Douhet entre outros que diziam que “...aeronaves de bombardeiro de longo alcance poderiam atacar diretamente a base industrial e o moral civil de um país inimigo, paralisando uma nação inteira em questão de dias.”(House, 2008, pg 87).

3.3 A WEHRMACHT

3.3.1 Equipamentos e armamentos alemães

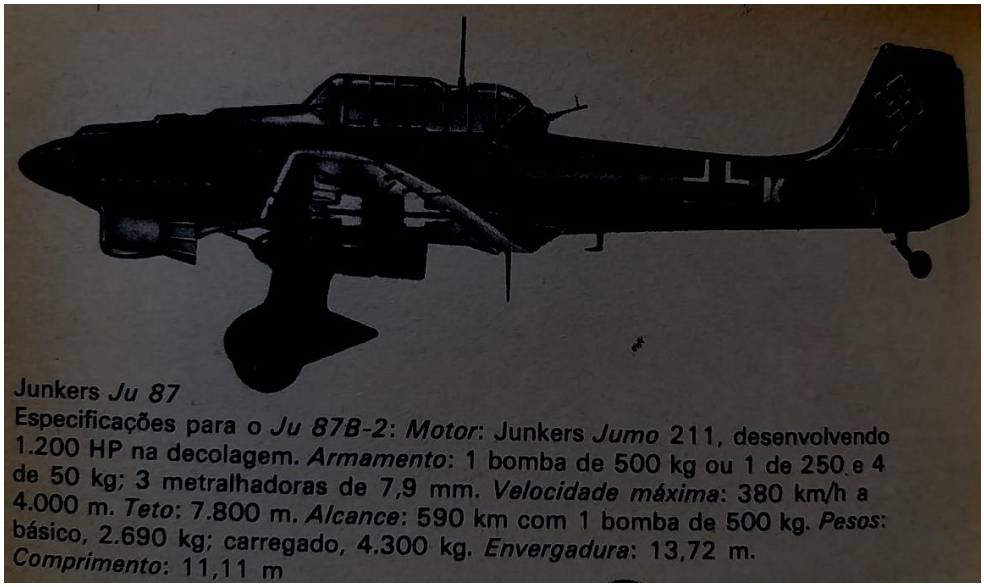
O emprego de novos meios tecnológicos como blindados e aviões que viriam a surgir foram levado em conta pelos alemães segundo Savian e Lacerda:

> "Outro ensinamento colhido foi o da importância de ter-se carros-de-combate e aviões modernos. Envoltos por tais considerações, os alemães, ao contrário de inglêses e franceses, procuraram preparar sua nação, em todos os aspectos, para a guerra e esforçaram-se para desenvolver novos processos de combate, nos quais enfatizaram o emprego combinado da aviação e de tropas blindadas." (Savian e Lacerda 2015, pg 267).

No campo de equipamentos e armamentos, a Wehrmacht passou a se utilizar de armamentos adequados a partir da decada de 1930. Apesar das imposições do Tratado de Versalhes, essas não surtiram o efeito esperado já que os alemães tomaram medidas para ludibriar suas imposições como firmar acordos com a URSS que os autorizaram
a instalar fábricas, desenvolver equipamentos militares e armamentos além de treinar suas tropas e pilotos (SAVIAN E LACERDA, 2015). Dentro desse campo podemos citar aeronaves como o marcante Junkers Ju-87 "Stuka", o bombardeiro de mergulho muito utilizado pelos alemães durante o conflito. Seu projeto iniciaria ainda em 1933 pelo piloto da 1ªGM Ernst Udet, que acreditava que um bombardeiro de mergulho deveria ser simples e robusto. O seu protótipo viria a ser construído em 1934 na Suécia, a fim de contornar as imposições do Tratado de Versalhes quanto a construção de aeronaves por parte dos alemães, e faria seu voo inaugural em setembro de 1935. No ano seguinte, estrearia em combate durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) com a Legião Condor, onde viria a ser testado. Viria a ser bastante útil já na 2ª GM durante as invasões da Polônia, da Noruega, da Dinamarca e da França, sendo esta onde foi utilizada para destruir as defesas fixas francesas e abrir caminho para o avanço dos blindados no solo (RIOS, 2015). O Stuka viria a demostrar seu valor estratégico no avanço das unidades em terra agindo de forma coordenada com estas. Seu efeito foi devastador para as defesas francesas.

Figura 4: Especificações do Ju-87 Stuka. Além de um bombardeiro de mergulho, este avião se mostrou uma eficaz arma psicológica devido ao som característico que sua sirene emitia ao iniciar o mergulho.

Fonte:



WILLIANS, 1978

Na área dos blindados, a Alemanhã ainda não estava em seu auge como nos anos seguintes da Guerra. Os principais carros de combate disponívies eram os Panzer I e Panzer II. O Panzerkampfwagen I, literalmente “veículo de combate blindado I”, mais conhecido como Panzer I teve sua origem em 1934. Inicialmente para ludibriar o Tratado de Versalhes, que proibia a produção de carros de combate aos alemães, o seu projeto foi disfarçado como um “trator para a agricultura”. Era um carro de combate leve que pesava apenas 5500 kg com uma blindagem que variava de 6 a 13 mm, possuía uma guarnição de dois homens e vinha equipado apenas com duas metralhadoras MG13 de 7,92 mm (Coleção Armas de guerra, 2010). Seu sucessor o Pazer II teve sua origem no ano de 1935 sob as mesmas condições de “trator” que seu antecessor. Sua produção se deveu a colaboração entre as empresas do MAN e Daimler-Benz. Com cerca de 1000 sendo utilizados, esse viria a ser a espinha dorsal das invasões tanto da Polônia como da França (COLEÇÃO Armas de Guerra – Veículos Militares 1906-1943). Apesar de não poder ser equiparado aos carros-de-combate que viriam a surgir mais a frente na guerra como o Panzer V “Panther” ou o Tiger, o panzer II se mostrou eficiente nos anos iniciais do conflito por sua mobilidade.

Figura 5: Especificações do Panzer II. Esse CC possuia armamentos, blindagem, velocidade e alcance superiores ao seu antecessor e foi uma pessa fundamental da Blitzkrieg.

Fonte: WILLIANS, 1978

Cabe observar que ambos os Panzer I e Panzer II eram relativamente inferiores aos carros de combate que os franceses possuíam na mesma época. Um exemplo disso era o Char B1, um blindado francês produzido a partir de 1937. O Char B1 pesava mais de 31 toneladas, tinha uma blindagem de 14 a 65 mm e era armado com um canhão de 75 mm e um de 45 mm em sua torre. Apesar de mais lento possuía um alcance de 180 km, superior ao Panzer I equiparado com o de seu sucessor (COLEÇÃO Armas de Guerra – Veículos Militares 1906-1943). O que fez a diferença foi a forma que cada país utilizou seus blindados.

Já na parte da infantaria mecanizada, um veículo que se mostrou de grande eficiência foi o meia-lagarta Sonderkraftfahrzeug 251, conhecido como SdKfz 251. Era um veículo blindado de transporte de pessoal que entrou em serviço na Alemanha em 1939. Esse era capaz de transportar até dez soldados e se manter com as formações Panzer. Era o VBTP padrão do grupo de Granadeiros Panzer (COLEÇÃO Armas de Guerra – Veículos Militares 1906-1943). Esses seriam bem eficazes, já que agora possibilitavam a infantaria a acompanhar o avanço dos blindados e não o contrário. Logo os Granadeiros Panzer ganhavam proteção blindada e velocidade no ataque.

Na parte de armamentos da infantaria houve uma categoria que foi marcante dos alemães durante toda a Guerra, a metralhadora. Em 1934 a Wehrmacht aceitou o projeto de uma nova metralhadora que ficaria conhecida como MG34. Essa teria sua produção mesma iniciada em 1936 pela empresa Mauser. Ela viria a ser a primeira metralhadora de finalidades

gerais, ou seja, que podia ser altamente modular. Era adaptável para ser usada em um bipé como metralhadora leve ou pesada a partir de um tripé, ou até como base antiaérea. Possuía um peso relativamente baixo em comparação a metralhadoras mais antigas, menos 12 kg apenas a arma. Tinha também uma alta cadência de tiro de 800 a 900 tiros por minuto, com alguns modelos subsequentes atingindo quase 1000 tiros por minuto. O que fazia diferença mesmo era a maneira que os alemães empregavam essa metralhadora como cita John Weeks:

> "O exército alemão, de acordo com a filosofia adotada por seus dirigentes, fazia girar em torno da metralhadora todo o sistema tático do grupo de combate. A equipe da arma era sempre formada por dois homens ou, voz por outra, três; normalmente aparecem nas fotografias envoltos nas cintas de munição que a arma disparava com a rapidez com que a alimentava." (WEEKS, 1974, pg 135)

A eficiência da MG34 foi clara para a infantaria, já que podia ser utilizada tanto para o ataque como para a defesa. Com o decorrer, os alemães continuaram confiando no uso da metralhadora. Em 1942 surgia a MG42, que era uma versão mais simples de ser produzida que a MG34, porém ela não foi produzida em quantidades o suficiente para substituir totalmente a MG34, sendo apenas um suplemento para elas até o final da Guerra.

3.3.2 Preparo para a Guerra

Além do preparo material, a Alemanha também viriam a tirar ensinamentos da Primeira Guerra Mundial quanto ao caráter que a guerra tomaria em relação à nação como um todo. Os pensadores militares acreditavam que era necessário um preparo econômico, político e psicológico para a guerra para que as ações da Wehrmacht tivessem respaldo pelos setores nacionais (SAVIAN E LACERDA, 2015). Isso significa dizer que não apenas as forças armadas, mas também a economia e a sociedade alemã necessitavam de preparos para um conflito de grandes proporções. Um evento que foi significante nesse preparo, tanto no campo militar como ideológico, foi a Guerra Civil Espanhola. Essa serviu como campo de provas para os militares alemães testarem suas novas táticas e equipamentos que vinham sendo desenvolvidos desde o fim da 1ª GM (SAVIAN E LACERDA, 2015, pg 268).

Já no campo ideológico, a vitória das forças nacionalistas na Espanha fez aumentar o apoio a Alemanha. Hitler se aproveitando das políticas de apaziguamento dos franceses e ingleses, implementou seus projetos expansionistas entre 1934 e 1939. Internamente em 1935, Hitler declarou publicamente o rearmamento e a volta do serviço militar obrigatório na Alemanha. Mesmo diante de todos esses acontecimentos, tanto os francêses como os inglêses

não tomaram nenhuma medida de represália. Os norte-americanos por sua vez mantinham sua postura isolacionista (SAVIAN E LACERDA, 2015, pg 269). Dessa forma, os alemães foram se erguendo política e economicamente, além de se prepararem para o conflito que estava por vir.

3.3.3 Forças Morais

Dentro do campo das forças morais, é necessário compreender o contexto no qual os alemães se encontravam desde o fim da 1ª GM até os momentos iniciais da 2ª GM. Após a derrota na Grande Guerra, os termos punitivos do Tratado de Versalhes eram humilhantes para os alemães. A Alemanha, até então uma potência industrial teve seu exército limitado a 100 mil homens e perdeu territórios (GRANDES MOMENTOS DA SEGUNDA GUERRA EM CORES, 2019). Adolf Hitler viria a se erguer nesse momento de dificuldade politica e socio-econômica pelo qual passava a Republica de Weimar, nome dado a Alemanha entre os anos de 1919 e 1934. Os alemães, frente as dificuldades do país necessitavam de um senso de unidade e de segurança econômica, o que o partido nazista viria a oferecer (GRANDES MOMENTOS DA SEGUNDA GUERRA EM CORES, 2019). A chegada de Hitler ao poder mudou a moral do povo alemão como um todo, tendo em vista a crise socio-econômica que o país vinha passando desde o fim da 1ª GM. O partido nazista despertou o orgulho que estava manchado dos alemães e deu o que o povo buscava, um senso de unidade e um lider a ser seguido. Isso se refletiu em sua área militar, tanto na Wehrmacht quanto na Waffen-SS. A Waffen-SS era o braço armado do partido nazista. Essa era composta por membros selecionados dentro das políticas raciais do partido nazista, além de voluntários que simpatizavam com as causas do partido. Eram tropas motivadas pelas ideias pregadas por Hitler. Todavia, sua participação na invasão à França foi limitada. Por outro lado, Wehrmacht consistia nas forças regulares, o Heer (exército), a Luftwaffen (força aérea) e a Kriegsmarine (marinha de guerra). Essa foi criada em 1935, após a extinção do Reichswehr, as forças de defesa que existiam na Alemanha entre 1919 e 1935. Era composta por militares recrutados para o serviço militar e até 1941 não aceitava voluntários estrangeiros em suas fileiras (RIOS, 2016).

Cabe ressaltar o contexto que os soldados alemães se encontravam na época. Muitos já eram militares com experiência de combate durante a Guerra Civil Espanhola. Além disso, a sociedade alemã, após a chegada de Hitler ao poder, vivia em um ambiente militarizado. Os jovens frequentavam acampamentos e realizavam atividades voltadas ao preparo bélico. Logo, os militares alemães já possuíam desde cedo um preparo militar (RIOS, 2020). Isso significa

que os soldados contavam uma moral superior a dos demais exércitos no começo da guerra. Isso viria a ser um diferencial no seu preparo e na execução do combate.

Figura 6: Adolf Hitler saudando apoiadores do partido nazista

Fonte:https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/aos-94-anos-ex-guarda-de-hitler-sera-deportado-para-a-alemanha.phtml disponível em: 02 de junho de 2020

3.3.4 Instrução

As tropas alemãs ficaram pendentes quanto a instrução após a 1ª GM em função dos termos do Tratado de Versalhes. Por terem seu exército reduzido e por serem privados de possuírem blindados e aeronaves, os alemães precisaram se erguer militarmente de forma discreta e gradual conforme cita Guderian em sua obra em questão de unidades mecanizadas.

> "As tropas mecanizadas alemães não surgiram em sua forma plena tal qual ocorreu com Palas Atenas quando emergiu da testa de Zeus. Ao contrário, sua evolução foi resultado de longa história de privações sob as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, e tiveram de lutar – e lutar em silêncio – com a oposição promovida entre nós mesmos ao que era novo e desconhecido." (Guderian 2009, pg 195)

Para que as tropas fossem instruídas, essas tiveram que se adaptar as limitações impostas. Na questão das tropas mecanizadas a solução encontrada foi se utilizar de simulacros de carros de combate em exercícios. Em 1931 o General Lutz seria nomeado Inspetor das Forças

Motorizadas e conduziria futuramente uma série de exercícios militares. O objetivo desses exercícios seria treinar com carros de combates, nesse caso simulacros, para
atuarem em cooperação com a infantaria, além de ganhar experiencia na questão de defesa anticarro. Além das simulações, foram examinados veículos e manuais estrangeiros para aproveitar a experiência de outros países que já estavam desenvolvendo carros de combate nos últimos 16 anos (Guderian 2009, pg 198).

O principal obstáculo para um desenvolvimento militar ideal ainda era o Tratado de Versalhes. Essa situação só viria a mudar quando Adolf Hitler assumisse o poder na Alemanha de forma definitiva como cita Guderian.

> "Contudo, ainda havia um obstáculo: o fato de nossa liderança militar e política careceriam de coragem para se libertar das restrições de versalhes. No que concerne à nossa própria unidade (forças mecanizadas), esse passo foi tomado quase que da noite para o dia, quando o poder executivo foi transferido para Adolf Hitler, em janeiro de 1933." (Guderian 2009, pg 198)

3.3.5 Organização das tropas

Na questão da organização, convém analisar a composição principalmente das tropas blindadas que era adotada pelos alemães. Segundo Guderian, as formações de combate tinham maior importância para as forças blindadas do que para as demais armas. As formações mais simples viriam a ser as mais fáceis de manter e mais rápidas a transmitir ordens (Guderian 2009). A menor unidade blindada seria o pelotão, composto de três a cinco carros em companhias de carros médios e pesados e de cinco a sete em companhias de carros leves. Os comandantes de pelotão se posicionavam no meio ou na testa da formação e eram responsáveis por mantê-la, controla a velocidade de progressão e a posição de seu pelotão na formação da companhia (GUDERIAN 2009).

Além das unidades por terra, a Luftwaffen também contava com uma organização mais flexível para apoiar as tropas no terreno. Os alemães sabiam da importância estratégica que o ataque aéreo podia exercer como cita Cristiano Rocha Affonso da Costa em sua pesquisa em torno da Blitzkrieg "Para ter um parâmetro dessa importância, o apoio aéreo foi incorporado pelos alemães nos manuais militares em 1921. A cadeia de comando foi descentralizada, gerando rapidez na tomada de decisão e transmissão de ordens." (Costa, 2019, pg 2). Convém observar que 1921 a Alemanha ainda estava sob as imposições do Tratado de Versalhes e não possuía uma força aérea ainda. Todavia, seus manuais já planejavam como suas forças deveriam estar organizadas, mesmo que apenas na teoria.

3.3.6 Emprego

O exército alemão empregando menos tropas e armamentos conseguiam atingir os seus objetivos táticos e estratégicos no campo de batalha. O papel dos blindados era atacar as defesas inimigas e abrir brechas nas posições inimigas, que logo em seguida era preenchida pela infantaria motorizada que seguia o seu avanço (RIOS, 2016). Os blindados, a infantaria motorizada e a Luftwaffen se utilizando de bombardeiros e caças se coordenavam de forma precisa contra os pontos fracos da defesa inimiga (RIOS, 2016). A coordenação era o fundamental nessa ação. Era importante não apenas a força bruta, mas o uso correto das armas, numa sequência correta contra o inimigo. Dessa forma, os franceses mesmo com um exército maior e mais bem preparado no começo da guerra, não foram capazes de deter o avanço da Wehrmacht.

Na questão do assalto, as forças blindadas estavam bem organizadas. Essas ficariam divididas em escalões como exposto por Heinz Guderian:

> "...encontramos as forças blindadas no assalto, desdobradas em quatro escalões de ataque: o primeiro deve avançar sobre as reservas inimigas, incluindo os carros de combate, eliminando os centros de comando e controle; deve eliminar as armas anticarro que encontrar pela frente, mas deve evitar se engajar em combate. O segundo escalão tem a missão de destruir a artilharia inimiga e quaisquer defesas anticarro ativas nas proximidades. O terceiro escalão deve trazer nossa infantaria por meio da zona de combate da infantaria inimiga, de modo que as tropas de apoio aos nossos carros de combate possam acompanhá-los. Podemos formar um quarto escalão, caso tenhamos carros suficientes para isso, mas ele deverá ficar como reserva disponível para o comando superior e para varrer os setores que ficaram intactos na posição." (Guderian 2009, pg 235)

3.4 A BLITZKRIEG NA INVASÃO DA FRANÇA

Em 1940 a Wehrmacht iniciou sua campanha na França. Para invadir a França, os alemães contavam com três grupos de exército, "A", "B" e "C". Somados contariam com 136 divisões, sendo dez dessas blindadas, com cerca de 2700 veículos blindados. Essas enfrentariam 146 divisões francesas, porém só três eram blindadas. A Alemanha tinha, no entanto possuía força aérea, carros-de-combate, processos de combate, organização, instrução e lideranças melhores que de seus adversários. Todavia, a França possuía uma linha de defesa que representava um obstáculo para os alemães, a Linha Maginot (SAVIAN E LACERDA, 2015). Quanto a essa

linha defensiva, foi exposto no sexto volume da Coleção 70º Aniversário da II Guerra Mundial de 2009: 30

> "A linha Maginot, mesmo inacabada, representava o *non plus ultra* da fortificação moderna. Porém, em sua potência residia sua debilidade. Foi um obstáculo de tal envergadura, que obrigou os alemães a procurarem outro eixo de ataque para evitá-la" (COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial, 2009, pg 40)

Segundo Williams a Linha Maginot foi uma proposta de dois marechais franceses, Joffre e Pétain, que possuiam opiniões diferentes entre si.

> "Joffre (Presidente da Comissão para Áreas Fortificadas no pós-guerra), propunha uma série de zonas fortificadas separadas, desde o mar do Norte até a fronteira suiça,entre as quais se poderiam desfechar ataques em grande escala. Por outro lado, Pétain (Vice-presidente do Conselho do Exército e Inspetor-Geral do Exército) optava por um sistema defensivo ininterrupto, para proteger somente a fronteira nordeste. O plano adotado em 1928, depois de muita discussão, foi um meio termo." (Willians, 1978, pg 13)

Os franceses, apesar de na época possuírem uma maior quantidade de carros de combate e relativamente mais modernos que os alemães não foram capazes de deter o rápido avanço alemão. O que fez os franceses falharem foi a forma de como eles buscaram empregar seus blindados, limitando-se apenas na defesa e abrindo mão de sua mobilidade (GUDERIAN, 2009). Em contrapartida, os alemães concentravam seu avanço principal em Sedan passando pela Holanda, Bélgica e Luxemburgo. Em seu livro, ao explorar a campanha alemã na França, Savian e Lacerda expõem o processo que os alemães utilizaram para tal:

> "Em 10 de maio de 1940, os 3 grupos de exército alemães iniciaram a ofensiva. O Grupo de Exércitos "B" avançou sobre os Países Baixos, a fim de ocupar a Holanda e a Bélgica e atrair as tropas franco-britânicas. O Grupo de Exércitos "C" atacou a Linha Maginot, visando fixar as tropas que defendiam a fronteira francesa. O Grupo de Exércitos "A", incumbido da ação principal, liderado por divisões Panzer, avançou pela montanhosa floresta das Ardenas, considerada pelos aliados intransponível para blindados, em direção ao Canal da Mancha, tendo como objetivo dividir as forças rivais."(Savian e Lacerda 2015, pg 275)

O ataque principal alemão estava por conta do Grupo de Exércitos "A" e "B", com o "C" destinado a uma ação secundária. O objetivo seria obrigar os franceses a manterem suas defesas concentradas na Linha Magnot enquanto o principal do ataque contornaria as defesas. Com isso, rapidamente o exército alemão espalhou sua frente para dentro da França escapando de sua principal linha de defesa.

3.4.1 Avanço pelos Países Baixos

As forças alemãs avançaram por dentro da Florestas das Ardenas numa frente de mais de 70 km, penetrando na retaguarda dos franceses. Segundo House, o exército francês, em contra partida, deixou 36 batalhões de carros dispersos juntos às fronteiras para apoiar a infantaria, mesmo na Linha Maginot. Todavia, esses batalhões não possuíam treino para cooperar com infantaria e artilharia em ataque ou contra-ataque de forma coordenada (HOUSE, 2008). Com isso, observa-se que os franceses consentraram suas forças na defesa da Linha Maginot e mesmo possuindo um grande número de carros de combate, estes não estavam preparados para serem utilizados em conjunto com outras armas de forma eficiente. Essa falha na doutrina francesa foi o principal fator que levou a sua derrota frente as forças alemãs.

Figura 7: Carros de combate (Panzer) atravessando a floresta das Ardenas

Fonte: GUDERIAN, 2009

A Alemanha buscou evitar um engajamento direto com a França na fronteira entre os dois países. A melhor alternativa contornar as posições defensivas pelo norte e atacar de lá. Para isso, seria necessário atravessar os territórios da Bélgica, da Holanda e de Luxemburgo. Esses não representariam um obstáculo tão grande para as forças alemãs ultrapassarem comparados a França. Assim como ocorreu na 1ª GM, o exército alemão procurou atravessar a Bélgica e atacar

os franceses pela retaguarda. A diferença entre as duas guerras foi a velocidade que os alemães atravessariam, o que foi a diferença entre fracasso e sucesso.

Mapa 1: Avanço alemão pelos Países Baixos em maio de 1940

Fonte:

COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial (2009)

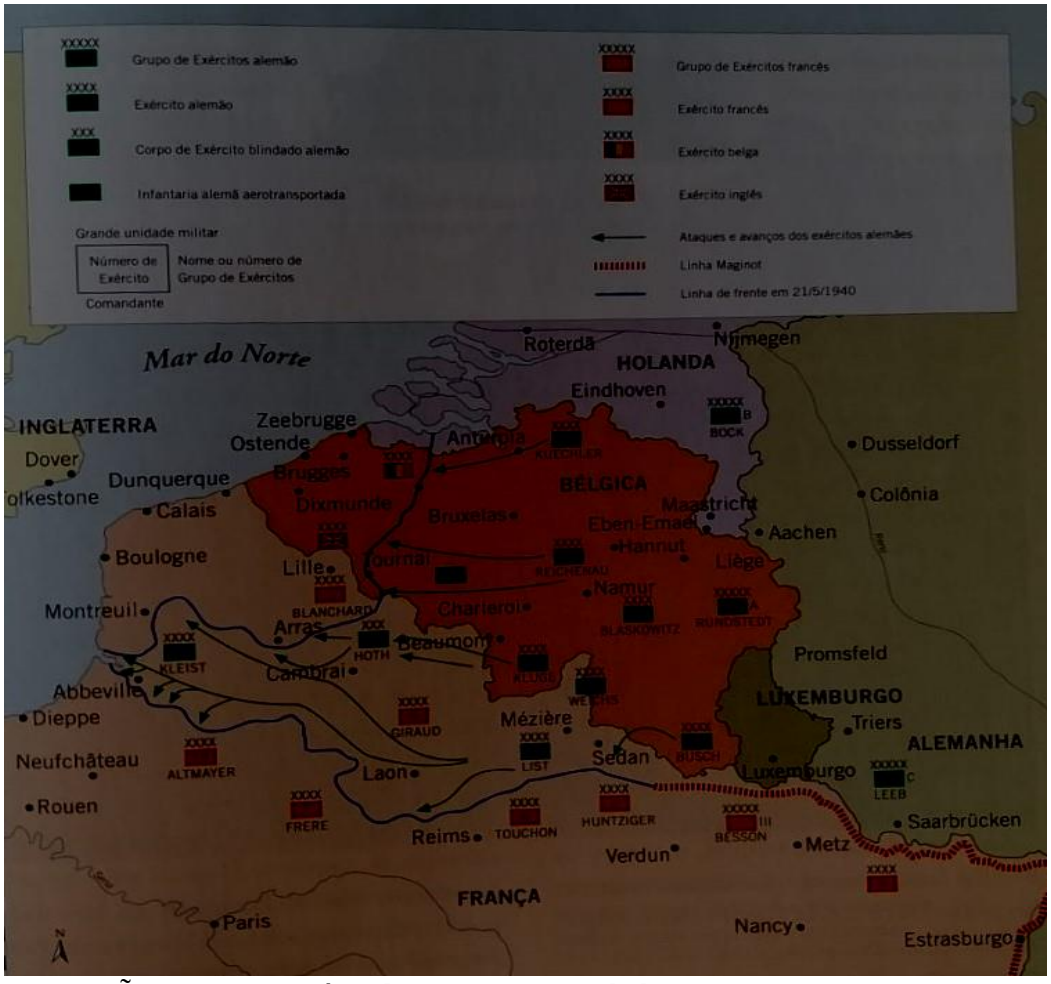
3.4.2 A Batalha de Sedan

Após passar pela Bélgica e por Luxemburgo, o Grupo de Exércitos A, sob o comando do General Gerd von Rundstedt, avança por dentro do território francês. Esse Grupo de Exércitos viria a ser composto por sete divisões blindadas distribuídas dentro de três corpos blindados diferentes que compunham o Grupo de Exércitos A.

Após os alemães cruzarem as Ardenas eles dirigiram-se para Sedan, um ponto-chave nas defesas francesas. Entre os dias 11 e 12 de maio de 1940 o 19° Corpo Panzer, comandado por Heinz Guderian, avança em direção a Sedan. O 19° Corpo Panzer era composto pelas 1ª, 2ª e 10ª Divisão Panzer. No dia 11, a 2ª Divisão Panzer toma Libramont enquanto a 1ª Divisão Panzer segue até Bertrix após passar por Neufchâteau. No dia 12, as unidades de cavalaria do

2º Exército francês são envolvidas pelas forças de Guderian em Bouillon. Os franceses ainda acreditavam que não havia perigo dentro do setor de Sedan. Isso se deveu aos poucos voos de reconhecimento no setor das Ardenas que fez com que estes subestimarem as forças alemãs. (COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial, 2009, pg 69)

Mapa 2: Avanço alemão pela Bélgica e pelo norte da França em maio de 1940



Fonte: COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial (2009)

3.4.3 O Papel da Luftwaffe

Além das forças terrestres, a Luftwaffe também exercia um papel fundamental no avanço alemão como dito por Pedro Eurico Rodrigues

> "Os aviões removiam os obstáculos, por meio dos bombardeios, os tanques avançavam e a equipes motorizadas vinham na retaguarda finalizando os processos. Esses procedimentos funcionavam como um aríete moderno, empurrando com força e brutalidade as defesas inimigas." Rodrigues (2020)

A aviação por sua vez, exercia um papel estratégico no ataque às defesas inimigas. Através da coordenação com as forças em terra, era possível um apoio aéreo próximo eficaz. Essa tática inovadora se mostrou eficiente no ataque a pontos importantes na retaguarda do inimigo como sita Savian e Lacerda ao relatar a forma usual de emprego da blitzkrieg:

> "O ataque iniciava-se pela ação de caças e bombardeiros, que, agindo como uma 'artilharia aérea', destruíam campos de pouso, estações ferroviárias, depósitos de combustíveis, pontes, quartéis-generais, entre outros alvos, a fim de desarticular as posições defensivas inimigas." (Savian e Lacerda 2015, pg 271)

Isso significa dizer havia uma coordenação das unidades em terra com as aéreas para que o ataque fosse de fato eficiente. Era estabelecido um objetivo para ser alcançado dentro do dispositivo inimigo pelas unidades blindadas e o apoio aéreo auxiliava diretamente nessa manobra.

Figura 8: Formação de Junkers Ju-87 Stuka. Esses bombardeiros de mergulho eram utilizados em apoio aéreo próximo das forças terrestres.

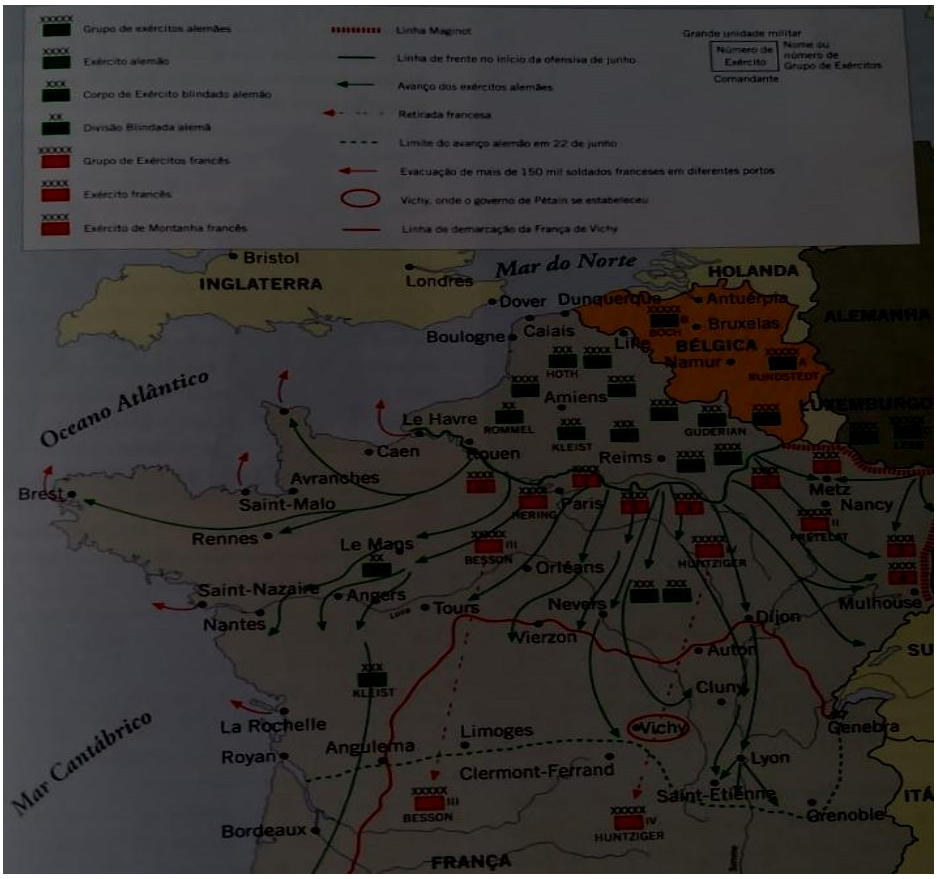
Fonte: COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial (2009)

Por outro lado, as táticas da Wehrmacht se concentravam basicamente entorno do rápido avanço de carros de combate sobre pontos chave do dispositivo defensivo inimigo, recebendo apoio de fogo de sua artilharia ou apoio aéreo aproximado, além da infantaria mecanizada acompanhando a velocidade de avanço dos blindados.

3.4.4 A Queda da França e dos Países Baixos

O avanço das forças alemãs continuou rompendo as defesas que ainda restavam dos inimigos. O exército holandês viria a ser derrotado pelo Grupo de Exércitos “B” e se renderia em 14 de maio de 1940. Já os belgas tentavam ainda manter suas defesas e unir-se as forças aliadas. Porém, o Grupo de Exércitos “A” após ter atravessado a floresta das Ardenas começa a ir em direção ao Canal da Mancha abrindo uma brecha nas posições aliadas. Assim as forças de defesa francesas e belgas ficariam separadas. Encurraladas pelos Grupos de Exércitos “A” e “B”, os franceses e britânicos que estavam na Bélgica foram obrigados a recuar até o porto de Dunquerque em 27 de maio de 1940 dando início a Operação Dínamo (“Operation Dynamo”) para evacuar as tropas anglo-francesas por mar. No dia seguinte em 28 de maio de 1940 a Bélgica se rende. Continuando o seu avanço, os alemães rumam a capital Paris. O Exército Francês, frente aos acontecimentos, tem o seu moral abalado e sucumbe diante o avanço inimigo (Savian e Lacerda 2015, pg 276).

Mapa 3: Avanço alemão pelo território francês em junho de 1940



36

Fonte: COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial (2009)

Dessa forma, em poucos mais de um mês as defesas da França havia caído. Os alemães avançavam rumo a Paris e em 14 de junho de 1940 a capital francesa viria a ser conquistada. A Alemanha havia demonstrado a eficiência de sua nova tática de guerra.

4 ENSINAMENTOS TIRADOS

A combinação de armas, a penetração e a exploração da retaguarda das linhas inimigas mostro seu impacto na Segunda Guerra Mundial (GUDERIAN, 2009). Marcelo Rios ao explorar a Blitzkrieg em detalhes deixa claro o efeito que esta trouxe a doutrina militar ao mencionar “A Blitzkrieg deitou por terra todos os antigos dogmas. Revolucionou a guerra e influenciou todo o pensamento militar na segunda metade do século XX.” Rios (2016)

A ideia de utilizar os blindados como ponta de lança no ataque mudou a forma de pensar dos exércitos da época. Cristiano Rocha Affonso da Costa em sua pesquisa em torno do assunto também evidencia isso ao observar o efeito que a Blitzkrieg trouxe:

> Quando começou a guerra, os alemães usavam os ‘tanques’ como principal meio nos ataques e os outros exércitos usavam os tanques e blindados apenas como apoio para

> a infantaria. Essa diferença foi crucial nas vitórias esmagadoras alemãs de 1939 até 1942. Mesmo assim, até 1940, ainda existiam opositores à *Blitzkrieg* dentro do exército alemão. A partir da invasão fulminante da França, não houve mais oposição. O método estava consagrado. (Costa, 2019, pg 3)

Charles De Gaulle havia previsto a importância dos blindados e a sua forma de emprego anos antes. Em 1934 defenderia suas ideias em seu livro *Rumo ao Exército Profissional* onde "...criticava as teorias da guerra estática cujo paradigma era a Linha Maginot e defendia a criação de um exército motorizado e blindado." (COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial, 2009, pg 89). Suas ideias de carros de combate agindo com maior independência e o apoio direto da aviação viriam a ser rejeitadas pelo Estado-Maior francês. Assim como Heinz Guderian e Liddel Hart, De Gaulle sabia do potencial das novas tecnologias bélicas que haviam surgido após a 1ª GM. Todavia, por questões políticas da época essas não puderam ser utilizadas com a doutrina correta. O comando militar francês ainda se mantia preso a doutrina de uma guerra estática e com pouca interação entre diferentes armas e acreditavam que as defesas da Linha Maginot seriam o suficiente para impedir um avanço alemão. Estavam errados.

Figura 9: Charles De Gaulles passando em revista as tropas

Fonte: COLEÇÃO 70º Aniversário da II Guerra Mundial (2009)

5 CONCLUSÕES

Observando-se os fatos históricos, é possível concluir que essa doutrina que viria a ser conhecida como Blitzkrieg consistia em uma forma inovadora para época de combate. Essa estratégia que envolvia velocidade, alta mobilidade, surpresa e coordenação possibilitou um avanço rápido da Alemanha pela Europa nos anos iniciais da 2ª GM. Esses avanços nas formas de combate alemão tiveram sua origem ainda na 1ª GM. Essa guerra foi onde a doutrina bélica existe, a qual vinha ainda do século XIX de um conflito menor e mais estático, entrou em choque com as proporções que a guerra tomou e os avanços tecnológicos. Ficou evidente que a maneira de combater precisava ser renovada, principalmente no que se tratava da questão da ofensiva. Os alemães planejaram invadir a França de maneira semelhante durante a 1ª GM através do Plano Schiflen. Esse plano, todavia não deu certo em função da velocidade limitada que uma penetração tinha no território inimigo, o que permitiu aos franceses a adotar uma postura defensiva com as trincheiras e estagnar o avanço alemão. Já na década de 1930, com os ensinamentos da última guerra e com o surgimento de blindados mais eficientes, pensadores militares na Alemanha notaram que o ataque poderia ser mais eficiente. Heinz Guderian foi um dos que percebeu isso e no período entre guerras, mesmo com seu país

passando por dificuldades, buscou aperfeiçoar a forma de conduzir o combate. Os franceses, em contra-partida, custaram a inovar sua doutrina de combate e esperavam uma guerra convencional e estática quando iniciou a 2ª GM. Suas defesas ficaram concentradas na Linha Magnot, assumindo que os alemães não tentariam um ataque principal passando pela Floresta das Ardenas. Em função disso, a França foi vencida em um mês e meio em 1940 ao passo que os britânicos foram forçados a se retirar da Europa continental frente ao rápido avanço alemão.

A 2ª GM, ao contrário do que foi a 1ª GM, não era mais uma guerra estática e experimental com novas tecnologias, mas uma de velocidade e com equipamentos inovadores. A Blitzkrieg talvez tenha sido a doutrina que chegou mais perto de ser a ideal na guerra na atuação conjunta de armas e que sem dúvida influenciou nos rumos da guerra e futuramente a dourina militar pós-guerra. Já na segunda metade do século XX, durante a Guerra Fria, exércitos modernos como o dos EUA e da URSS tiraram ensinamentos do que aprenderam com o avanço dos alemães tanto na França como no leste europeu. Os carros de combate, as VBTP, os obuseiros auto-propulsados e as aeronaves de ataque ao solo, tanto de asa fixa como rotativa, que surgiram após a Guerra, demostraram a influência da doutrina alemã no que tange o uso principalmente de blindados de forma coordenada com outras armas e se utilizando da velocidade. Isso porque os conflitos que viriam a surgir após a 2ª GM seriam menores em escala, porém mais profundas no campo estratégico. A guerra se inovou com as tecnologias e sua velocidade aumentou junto.

Não se observou mais um conflito bélico que foi decidido de maneira estática por uma única arma de forma independente, como foi o caso da Guerra da Coreia, da Guerra do Vietnã, dos conflitos entre árabes e Israel e dos conflitos no Oriente médio que se prolongaram por décadas. A influência da Blitzkrieg foi clara.

Como um todo, a 2ª GM foi o conflito mais devastador que a humanidade presenciou e que mudou sua história pra sempre. Foi uma guerra que envolveu mais de sessenta países em diferentes partes do globo e que custou a vida de mais de 65 milhões de pessoas. Todavia, ensinamentos foram tirados desses eventos. A Blizkrieg foi um deles. O que se aprendeu com ela foi que uma ofensiva militar necessita de velocidade, poder de choque e principalmente coordenação entre os elementos de combate. O resultado disso foi a vitória sobre um adversário que estava melhor equipado para a época e com um plano defensivo esquematizado.

REFERÊNCIAS

GUDERIAN, Heinz. **Achtung, panzer!** 2009

HOUSE, Jonathan M.. **Combinação das Armas:** A Guerra no Século XX. 2008.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Blitzkrieg.** Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/blitzkrieg/. Acesso em: 28 fev. 2020.

SAVIAN, Elonir José; LACERDA, Paulo Henrique Barbosa. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral: a segunda guerra mundial.** A Segunda Guerra Mundial. 2015

COLEÇÃO 70º ANIVERSÁRIO DA II GUERRA MUNDIAL: 1940 - Terra Invadida: A França de joelhos. São Paulo: Abril coleções, 2009- . ISSN 978-85-62605-17-8p.

WILLIANS, John. **França 1940 - A Catástrofe: História Ilustrada da II Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Renes, 1978

HOLMES, Richard et al (org.). **Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas**. 2007.

RIOS, Marcelo. **E a arma do dia é... Junkers Ju 87 Stuka**. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-t2cJUn0Nz4. Acesso em: 01 maio 2020.

RIOS, Marcelo. **O que era a Blitzkrieg?** 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iQthw2JBsMk&t=213s. Acesso em: 02 maio 2020.

RIOS, Marcelo. **Como era composta uma Divisão Panzer?** 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4DmY7c-pu9o. Acesso em: 13 maio 2020.

GRANDES Momentos da Segunda Guerra em Cores. Direção: Nicky Bolster. Produção: Nicky Bolster. Intérprete: Derek Jacob. Roteiro: Alex Liberatore. Fotografia de Stefan Thissen. Gravação de Scott Mcewing. Netflix: World Media Rights / ZDF Enterprises, 2019. Disponível em: https://www.netflix.com/watch/80989926?trackId=14170286&tctx=7%2C4%2Cc9ab3ccb-8dcb-4cbd-bc3a-7b00743a2233-15231905%2C4ea30918-d8ba-46e4-bfff-6dbb9df9285d_54450671X3XX1593199219781%2C4ea30918-d8ba-46e4-bfff-6dbb9df9285d_ROOT%2C. Acesso em: 26 jun. 2020.

COLEÇÃO ARMAS DE GUERRA – VEÍCULOS MILITARES 1906-1943. São Paulo: Abril coleções, 2010- . ISSN 978-85-7971-146-6

WEEKS, John. **Armas da infantaria**: História Ilustrada da II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Renes, 1974

COSTA, Cristiano Rocha Affonso da. **Jornal de Relações Internacionais**: blitzkrieg: uma forma de fazer a guerra idealizada na inglaterra e tornada famosa pelos alemães. Blitzkrieg: Uma Forma de Fazer a Guerra Idealizada na Inglaterra e Tornada Famosa pelos Alemães. 2019.

RIOS, Marcelo. **Wehrmacht, as forças armadas alemãs**. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PYlfIgdUQ0Q. Acesso em: 06 jun. 2020.

RIOS, Marcelo. **Por que o soldado alemão era melhor em combate?** 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hrIj4a5E5qQ. Acesso em: 06 jun. 2020.